

O desejo do perdão

O Evangelho encoraja-nos a ir ainda mais longe: a justiça deve prolongar-se no perdão; as sociedades humanas não podem viver sem ele. Em muitos lugares do mundo, as feridas da história são profundas. Ousemos pôr termo ao que pode acabar já hoje. Assim, o futuro de paz, preparado no coração de Deus, poderá desabrochar plenamente. (Irmão Alois, *Carta do Chile*)

Orla (Irlanda)

Cresci com a noção de que o perdão nos faz avançar, que, como seres humanos, não podemos viver sem perdão. Se um ser humano não consegue perdoar outro, como podemos ter esperança em que haja paz num mundo com tanta violência? Já vi o perdão acontecer. Vi que é possível alguém fazer prova do seu amor por outro através do perdão e terminar assim um longo conflito familiar. Uma discussão violenta resultou na ausência de contacto entre duas gerações, mesmo quando se cruzavam na rua. Uma vez que ambas as partes aceitaram as suas culpas e concordaram em perdoar, a família, que sempre deveríamos ter sido, finalmente apareceu.

Em Maio deste ano houve um acontecimento importante na Irlanda. Pela primeira vez, desde que o nosso país é República, depois de se tornar independente do Reino Unido, quase há um século, a nossa presidente Mary McAleese convidou a Rainha Isabel II para uma visita. O objectivo da histórica viagem foi a de encurtar as distâncias criadas pelos nossos antecessores, que deixaram marcas profundas no nosso passado e na nossa cultura, e recomeçar o processo de reconciliação entre dois países de relacionamento tão difícil. A primeira visita da Rainha foi ao Jardim da Memória (Garden of Remembrance) um jardim memorial em Dublin dedicado à memória a «todos os que deram a vida pela libertação da Irlanda». Para mim, e para milhares de irlandeses, a visita ao Jardim deu início ao processo de perdão para muitos dos nossos antepassados que foram mortos na luta pela libertação do país. Acredito que os dois países estão no bom caminho para um futuro de paz e felicidade que nunca teria começado se os primeiros passos de reconciliação e perdão não tivessem acontecido.

Acreditar no perdão de Deus não significa esquecer a falta. A mensagem do perdão não pode nunca ser utilizada para aceitar as injustiças. Pelo contrário, acreditar no perdão torna-nos mais livres para vislumbrar as nossas próprias faltas, bem como as faltas e as injustiças que existem à nossa volta e no mundo. Cabe-nos a nós reparar tudo o que pode ser reparado. Neste árduo caminho encontramos um apoio vital: na comunhão da Igreja, o perdão de Deus pode ser novamente dado.

Rachael (Quénia)

Quando o nosso pai morreu em 1991, a minha mãe era dona de casa e ficou com três filhos (7, 5 e 4 anos de idade) a seu cargo. A família do meu pai, que devia ter-nos ajudado, fez o contrário. Depois do funeral do meu pai, a família dele reuniu-se para fazer partilhas. Houve, então, um distanciamento entre as duas famílias e, durante muito tempo, não quiseram qualquer ligação com família do meu pai.

Enquanto cristã, tomei consciência de que o perdão é um mandamento de Deus e de como só posso esperar o perdão de Deus se conseguir perdoar os outros. Em 2008 visitei os meus avós e cresceu em mim o desejo de perdoar e, com o passar do tempo, tenho conseguido libertar-me da dor que me causaram. Em Fevereiro de 2011 a minha avó faleceu e nós conseguimos reunir-nos como uma verdadeira família. A nossa relação não é perfeita, mas, com o tempo, será melhor.

O perdão é difícil, mas é necessário. Começa com o desejo de perdoar e depois dá-se o passo para o perdão. Não importa quão profundamente estamos magoados, o perdão é uma escolha que fazemos a que Deus nos assiste com graça e força. Uma vez que perdoamos, Deus cura o nosso coração no seu espantoso modo. Fiz a escolha para perdoar sempre. É algo que tenho de fazer no meu dia-a-dia, nas pequenas e nas grandes ofensas. Quando perdoar, fico em paz e sei que o meu Pai do céu também me perdoa.

Há situações em que não conseguimos perdoar. A ferida é demasiado grande. Então, lembremo-nos que o perdão de Deus nunca falta. Quanto a nós, por vezes é apenas por etapas que aí chegamos.

Tom (Inglaterra)

Reconciliação não significa esquecer o que aconteceu no passado, significa antes estar preparado para perdoar. As palavras de João XXIII são muito actuais: «Não procuremos saber quem está correcto ou quem está errado...digamos apenas: 'Reconciliemo-nos'.» No início deste ano passei dois meses em Israel e lá pensei constantemente na questão da reconciliação. Como pode um país dividido por tantos muros dizer: «Reconciliemo-nos»?

Procurar entender o outro pode ser o primeiro passo para uma relação de confiança. O desejo de um futuro em conjunto pode ser um sinal de um oásis de esperança num vasto deserto de divisões. Não precisamos de procurar respostas rápidas, mas de soluções duradouras que possam sustentar o futuro das partes envolvidas.

Será que conseguimos contemplar a paz de Cristo Ressuscitado em noites de conflitos? A reconciliação à qual Cristo nos chama faz-nos avançar ao despertar uma comunhão de confiança que cria novas possibilidades de vida em conjunto.

Esta é a verdadeira «Shalom» de Deus, pois trata-se da paz que todo o coração humano pode conhecer. Quando partilhamos esta paz com aqueles que nos são confiados, então as divisórias desaparecem. O perdão transmite esta paz, mesmo quando tudo parece perdido. Poderão Israel e a Palestina abrir-se a esta paz? Não esquecer o passado, carregar as feridas, mas sobretudo olhar para esta nova vida que pode nascer quando o perdão se torna real. Pode encontrar-se a paz mesmo quando as portas parecem fechadas (Jo 20,26).

O desejo de perdoar é já um primeiro passo, mesmo quando esse desejo permanece submerso pela amargura. Ao perdoar, Deus faz mais do que apagar as faltas. Ele concede uma vida nova com a sua amizade, reanimada noite e dia pelo Espírito Santo.

Lorenz (Alemanha)

«Dissipei as tuas revoltas como uma névoa, e os teus pecados como uma nuvem.» (Is 44,22) Nesta última manhã do ano, muitos jovens vindos de diferentes países da Europa que participam no Encontro de Roterdão, estão sentados na Igreja Maria van Jesse de Delft a reflectir sobre aquilo a que Deus nos chama através do seu perdão.

Entendemos estas palavras como um encorajamento a perdoar, como Deus nos perdoa. «Mas, em certas situações, o perdão é verdadeiramente difícil», reconhecia Hendrikje, da Alemanha. «Onde está o limite?» - «Eu penso que Deus pode perdoar tudo, porque ele conhece as razões dos nossos comportamentos, o nosso passado, o meio onde vivemos...» respondi eu. Thomas, da Holanda, sublinhou que «devemos pedir sempre perdão a Deus. Não devemos, por isso, abusar da sua misericórdia, ao ficarmos intencionalmente em falta confiando num deus que perdoaria o que quer que fosse.»

E que são estas «névoas dissipadas»? «Deus pode perdoar, mas não se esquece» disse Ruben, da Alemanha. Isso lembrou-me o facto de que a água que compõe as nuvens não desaparece, mas muda de forma. «Devíamos tentar perdoar, como Deus faz, mesmo se há algo que possa parecer imperdoável», concluiu Thomas. Susanna (Alemanha) citou a Carta do Chile : «O desejo de perdoar é já um primeiro passo». É um pensamento que pode ajudar-nos.»

Durante as orações, com vários milhares de pessoas de diferentes culturas, confissões e origens, o nosso desejo de perdoar as imperfeições tão humanas dos nossos vizinhos ficou expressa de uma forma incrível. Mantenhamos esta atitude – mesmo depois do encontro!

E todos nós podemos fazer esta descoberta: o perdão recebido ou dado é criador de alegria. Saber--se perdoado é talvez uma das alegrias mais profundas, mais libertadoras. Reside aí a fonte da paz interior que Cristo nos quer comunicar. Essa paz levar-nos-á longe; ela brilhará para os outros e para o mundo.

Aimé (Costa do Marfim)

De 2002 até ao início de 2011, o meu país viveu uma crise política que conduziu ao deslocamento de populações, à perda de vidas humanas e de bens materiais. Uma crise que segui de França, onde vivo, triste por assistir ao sofrimento e à divisão dos meus compatriotas.

Numa visita à Costa do Marfim em Julho de 2011, três meses passados desde o fim da crise, foi grande a minha alegria ao ver que as pessoas procuravam voltar a viver em conjunto. Na verdade, apesar das feridas ainda dolorosas, as pessoas estavam animadas por uma alegria de viver e uma esperança num futuro de paz. As relações entre amigos, vizinhos, colegas dos lados opostos mantiveram-se e aos poucos fortificam-se.

Será ainda ilusório acreditar que esta página está virada, pois as feridas permanecem. Será necessário tempo para o perdão. As vítimas, dos dois lados, estão à espera de justiça, uma justiça «igualitária» e não uma justiça «de vencedores», e isso parece-me ser um factor primordial para a reconciliação.

Ao estarem conscientes das dificuldades a ultrapassar, a alegria de viver que anima as pessoas da Costa do Marfim e o seu desejo de reconstruir a sua vida, fazem-me ter esperança num futuro de paz. Esta esperança é sustentada pela minha fé cristã que me ensina que o perdão e a paz encontram a sua origem em Deus. Possa o Senhor ajudar a Costa do Marfim a avançar no caminho do perdão e da reconciliação.

Quando rezamos no Pai Nosso: «Perdoai as nossas ofensas, assim como nós perdoamos...», o seu perdão já está a tocar-nos. Não são palavras no ar, alguma coisa se passa quando rezamos estas palavras que o próprio Jesus ensinou: eis-nos prestes a perdoar por nossa vez e a não condenar definitivamente uma outra pessoa quando fomos ofendidos.

Abraham (Índia)

O perdão e o amor de Deus são dois termos que me parecem complementares. Ao dizer a oração do Pai Nosso, na frase «Perdoai-nos as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido», a palavra «como» interpela-me sempre. Jesus pede que perdoemos os outros, por causa do seu imenso amor por nós ; ele não o faz apenas com palavras, mas também a cada instante da sua vida.

Num momento crucial da minha vida, no limite da solidão e da tristeza, o amor de Deus que eu sempre negligenciei veio até mim através da Palavra de Deus. Deus veio até mim através deste versículo da Bíblia, «tu és o meu bem-amado», o que me fez sentir imerecido do seu amor e do seu perdão. Quando fiz uma semana em silêncio, Deus permitiu-me aperceber da profundidade do seu amor para connosco, e como todos, incluindo eu, fugimos desse amor. Uma vida inteira talvez não chegue para compreender plenamente este amor. Sinto que é através do perdão que podemos transmitir o amor de Jesus, Nosso Senhor.